

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Governo nega o benefício que Villas não pediu

Do Serviço Local

O sertanista Orlando Villas Boas negou ontem ter solicitado aposentadoria à Superintendência de Desenvolvimento do Centro-oeste, Sudeco, estranhando por isso que esse órgão tenha rejeitado um pedido que nem chegou a ser feito. A Sudeco afirma que o sertanista não tem os 30 anos de serviço necessários para pleitear o benefício.

Orlando Villas Boas, que deverá requerer em breve sua aposentadoria à Funai, argumenta que já tem 39 anos de serviço nas selvas, e seu irmão Claudio, 35. Para isso, ele considera em dobro os seis anos que passou na expedição Roncador-Xingu, de acordo com uma determinação do governo federal, baixada na época para compensar o árduo trabalho de funcionários públicos e militares em missões especiais.

A Sudeco entende que naquela época o sertanista era apenas contratado pela Fundação Brasil Central e, portanto, não faz jus àquele direito concedido aos funcionários.

Irritado, Orlando diz que "nunca iria se aposentar pela Sudeco, pois os vencimentos não ultrapassariam os 800 cruzeiros mensais". Ele acrescenta que seu tempo de serviços prestados nas selvas "deverá ser contado pela Funai e por assessores diretos do Ministério do Interior, mas não por essa superintendência".

"Portanto — afirma — a Sudeco não precisa se preocupar com os nossos direitos legais". Sem esquecer as 200 malárias contraídas durante suas expedições, o sertanista assegura que "uma contagem honesta e racional dos anos que servi nas selvas comprovará os meus cálculos".

O sertanista deixa escapar um certo ressentimento: "Será que no Brasil um sertanista para se aposentar precisa contrair, obrigatoriamente, 250 malárias? Nesse caso, tanto Claudio como eu, ainda estaríamos um pouco distantes, porque só contrairíamos 200 até agora".

AS CONTAS

Por volta de 1944/45, Orlando e Claudio iniciaram seus trabalhos na expedição Roncador-Xingu, como funcionários da Fundação Brasil Central. Nessa época conta Orlando, para desfrutar alguns militares e funcionários públicos — "que representavam cerca de 0,5 por cento do total de sertanistas" — o governo federal resolveu compensar o penoso trabalho no sertão, permitindo que se computassem em dobro o tempo trabalhado.

O que os Villas Boas estran-

ham até hoje é que a Fundação Brasil Central, naquela época, era um órgão subvencionado pelo governo, com superintendente nomeado pelo presidente da República, "portanto, um órgão público de fato, mas por outro lado uma entidade privada sob o ponto de vista administrativo: os funcionários da Fundação Brasil Central não eram — com exceção de alguns poucos militares e funcionários públicos — reconhecidos como funcionários do governo".

NOMEAÇÃO

Durante 19 anos, de 1944 a 1963, Orlando e Claudio trabalharam na Fundação Brasil Central. Em 63, a fundação passou a ser organismo público, tendo sido incorporada à Sudeco em 1966, com a criação do Ministério do Interior. Orlando foi nomeado pelo presidente da República, em 1961, diretor do Parque Nacional do Xingu. Em 1968, ele e Claudio passaram para a Fundação Nacional do Índio. Enquanto Orlando Villas Boas dirigia o Parque Nacional do Xingu, Claudio também estava integrando o quadro de funcionários da Sudeco.

Orlando refaz pacientemente os cálculos: "Vejamos — 19 anos na Fundação Brasil Central; seis anos, computados 12, como funcionário público; e quatro anos na Funai totalizam 35 anos de serviços no sertão".

Claudio também tem 35. Mas no meu lastro de trabalho, devem ser acrescentados mais dois anos — de 61 a 63 — que passei como diretor do Parque Nacional do Xingu, e mais ainda os dois anos durante os quais pertenci ao Exército, o que dá o resultado final de 39 anos".

Segundo Orlando, ele e Claudio não querem causar mais transtornos à Sudeco, "que ao que tudo indica deve estar saturada de tantos compromissos".

KRANHACÁRORES

O sertanista lembra que o contato com os índios gigantes está praticamente concluído. As últimas informações dizem que cerca de 40 índios, dos quais mais da metade constituída de mulheres e crianças, estão agora permanentemente no acampamento.

Paulo Class.: OESP - 08/03/75

Duas expedições para Perimetral

Da Sucursal de BRASÍLIA

A Fundação Nacional do Índio lançará, por estes dias, duas frentes de reconhecimento na área da Perimetral-Norte, localizando-se uma no alto do rio Amapari, no Estado do Pará, e a outra na área de Benjamim Constant, trecho de Atalaia, no Estado do Amazonas, indo até Cruzeiro do Sul, no Acre.

A primeira frente será dirigida pelo sertanista Fiorelo Parisi e será feito o reconhecimento da tribo Uapii. A outra área será a dos Marubos, que é também uma tribo isolada, será dirigida por Sebastião Amanso. A verba para esta última já foi liberada, tendo sido enviados, ontem, os recursos para a tribo Uapii.

Quanto aos contatos realizados na semana passada na área da Perimetral-Norte pelo general Ismarth de Oliveira da Coordenação da Amazonia, e pelo antropólogo Helio Rocha, ainda não foram divulgados os resultados finais da viagem.

Funai tenta atrair os índios negros

Os trabalhos de atração dos índios ava-canoeiros, que habitam a região entre os rios Formoso e Araguaia e a área do rio Tocantins, no Estado de Goiás, serão intensificados este ano. A Funai, contudo, nada in-

forma sobre o andamento desses trabalhos, que vêm sendo realizados pelo sertanista Israel Praxedes Batista.

Esses índios, que segundo os moradores das regiões vizinhas, têm a pele negra e cabelos encarapinhados, são conhecidos como "cara-preta", e gostam de se alimentar com carne de cavalo, motivo pelo qual saqueiam, constantemente, as fazendas da região.

A tentativa inicial de atração dessa tribo ocorreu entre 1946 e 1955, mas sem resultados. Os trabalhos foram reiniciados em 1971, por decisão da Funai. A primeira visita à aldeia abandonada desses índios foi feita pela equipe de Praxedes Batista. No local foram deixados muitos presentes, apanhados em parte pelos ava-canoeiros. Depois de recolherem só o que lhes interessava, eles queimaram o rancho, supondo-se que não tivessem intenção de voltar.

ORIGEM

Segundo o antropólogo George de Cerqueira Zarur, os ava-canoeiros são provavelmente os mesmos Tupi-Ava, e numa comparação entre o seu vocabulário com o dos Tupi paulistas, descobriu-se que eles são descendentes dos Carijós, fugidos das primeiras bandeiras que atingiram Goiás.

Todos os habitantes da região concordam que eles sejam realmente negros. A tribo vive numa área de 50 mil alqueires.